

MUNDORAMA

MUNDORAMA.NET *TERRARUM TABULA* VOLUME 2 - JANEIRO - DEZEMBRO - 2008



TEMAS DA NOSSA AGENDA

ARTIGOS,
CONJUNTURA,
EVENTOS,
BIBLIOTECA

*CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO
LABORATÓRIO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

Table of Contents

Pequena lição de Realpolitik, por Paulo Roberto de Almeida	1
Mesa Redonda “China e Índia - A Soft Power da Imponência do Dragão e da Elegância do Elefante”	2
Nadando contra a “maré vermelha”: análise da suposta tendência à esquerda da América Latina, por Rodrigo Wiese Randig	3
Interesses nacionais não são “dados”: as relações indo-paquistanesas sob o prisma do Construtivismo, por Diogo Mamoru Ide	4
Testes Balísticos no Sul da Ásia, a relação Índia-Paquistão, por Artur Andrade da Silva Machado	5
Banho-Maria ou Mudança? Eleição Presidencial e a Formação da Política Comercial dos EUA, por Mark S. Langevin	6
Os vínculos entre a política interna israelense e a resolução da “questão palestina”, por Heitor Figueiredo Sobral Torres	7
McCain: ruptura ou continuidade da gestão Bush?, por Virgílio Arraes	8
Mianmar e sua contagem regressiva para uma suposta transição de regime, por Heloíza Feltrin Bandeira	9
O direito internacional dos povos indígenas: colisão multidimensional de direitos?, por Felipe Kern Moreira	10
Palestra Globalização e Democracia - Como Votam os Mercados Financeiros? - IRI-PUC-Rio ...	11
Cúpulas América Latina-Caribe-União Européia (ALC-UE): elementos para a construção mais eficaz de uma agenda birregional, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro	12
A Operação Makavhoterapapi e a limpeza política do Zimbábue, por Evandro Farid Zago	13
Unasul: ‘uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo’. Será?, por Wilson Tadashi Muraki Junior	14
Referendos na Bolívia: separatismo ou contestação?, por Isabele Villwock Bachtold	15
A Sérvia Pós-Milošević: Rumo Incerto, por Adalgisa Bozi Soares	16
A Ásia, os fenômenos naturais e como o Direito tangenciou a Moral no sistema internacional, por Tiago Wolff Beckert	17
Perspectivas para o restabelecimento do consenso político no Líbano: o peso real dos fatores regionais, por Pablo P. Sampedro Romero	18
Boletim Meridiano 47 - No. 95 - Junho/2008	19
Boletim Mundorama - No. 10 - Junho/2008	20

Pequena lição de Realpolitik, por Paulo Roberto de Almeida

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Seria totalmente justificado o mau (pré)conceito que carrega a Realpolitik no plano das atitudes possíveis de serem adotadas pelos estadistas e outros responsáveis pelas relações internacionais dos Estados modernos? Leva ela, necessariamente, a um comportamento egoísta no confronto com alternativas menos estado-cêntricas e mais voltadas para o bem comum da comunidade internacional? Mas será que existe, de fato, uma coisa chamada “comunidade internacional”? Estadistas responsáveis podem adotar outra postura que não a pragmática, focada no interesse nacional, quando se trata de administrar as relações exteriores de seus países? Vejamos o que seria possível argumentar em torno desse conceito numa espécie de curso concentrado.

Realpolitik é mais um método do que uma doutrina, completa e acabada. Ela pode ser vista como uma escola de pensamento que não é boa, ou má, em si, e sim que pode, ou não, servir os interesses daqueles que presumidamente se guiam por seus “princípios”, algo vagos, de análise e de ação. O que ela quer dizer, finalmente? A rigor, trata-se de um simples cálculo utilitário, baseado nos interesses primários de um país, um Estado, um indivíduo. Ela tende a considerar os dados do problema e não se deixa guiar por motivações idealistas, generosas ou “humanitárias” de tal decisão ou ação, mas apenas e exclusivamente pelo retorno esperado de um determinado curso de ação, que deve corresponder à maior utilidade ou retornos possíveis para o seu proponente ou condutor da ação. ([mais...](#))

Mesa Redonda “China e Índia - A Soft Power da Imponência do Dragão e da Elegância do Elefante”

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

O Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília convida para a Mesa Redonda *China e Índia - A Soft Power da Imponência do Dragão e da Elegância do Elefante*, no dia 17 de junho, a partir das 18 h, no Auditório Joaquim Nabuco (Prédio da FACE - Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte).

O convidado especial e expositor principal deste evento é o diplomata brasileiro Paulo Antônio Pereira Pinto, que tem larga experiência em assuntos asiáticos, tendo servido por mais de vinte anos na Ásia Oriental, sucessivamente, em Pequim, Kuala Lumpur, Cingapura, Manila e Taipé. É o primeiro Cônsul-Geral do Brasil em Mumbai, Índia.

<

China e Índia são temas de notícias frequentes, seja pela cobiça quanto ao acesso de centenas de milhões de seus potenciais consumidores à oferta de produtos e serviços estrangeiros, seja como resultado da disputa entre ambas por recursos minerais e energéticos em diferentes partes do mundo.

Pouca atenção tem despertado, no entanto, a capacidade destes países emergentes no sentido de atrair e influenciar outras regiões do planeta. Isto ocorreria como resultado da divulgação das práticas, hábitos, criações e formas de raciocínio herdadas ou marcadas pela longa história indiana e chinesa.

Em outras palavras, há pouca reflexão sobre a “soft power” - para utilizar o termo popularizado por Joseph Nye - na competição imaginária, entre o “elefante” e o “dragão” que simbolizam, respectivamente, cada país.

- Expositor: Paulo Antônio Pereira Pinto, Cônsul-Geral do Brasil em Mumbai, Índia;
- Debatedores: Prof. Argemiro Procópio (iREL-UnB) e Prof. Virgílio Arraes (iREL-UnB)
- Moderador: Prof. Antônio Carlos Lessa, iREL-UnB

Informações adicionais podem ser obtidas na Secretaria do iREL-UnB, pelo e-mail irel@unb.br ou ainda pelo telefone (61) 33072426.

Nadando contra a “maré vermelha”: análise da suposta tendência à esquerda da América Latina, por Rodrigo Wiese Randig

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Há tempos se fala de uma metafórica “maré vermelha” latino-americana, em referência ao número crescente na região de lideranças políticas consideradas “de esquerda”.

Imediatamente após a vitória do ex-bispo católico Fernando Lugo nas eleições presidenciais do Paraguai, que assumirá em agosto de 2008, uma coluna do periódico britânico The Daily Telegraph sugeriu que, com esse novo marco no contexto da ascensão tão acelerada de esquerdas no continente, o mais correto seria falar de um “tsunâmi vermelho”.

Já se tornou, de fato, um lugar-comum a afirmação de que a América Latina – especialmente a América do Sul – estaria realizando um “giro à esquerda”, um movimento sincronizado revelador de uma aceitação popular e generalizada dos ideais marxistas. Essa percepção, compartilhada por parcela expressiva da população e dos meios de comunicação regionais e externos, não deixa de ser, contudo, uma generalização bastante simplista do atual quadro político sul-americano.

Pelo teor nacionalista de seu discurso de campanha, em que manifestava a necessidade de reformas sociais e um número considerável de críticas ao suposto “imperialismo brasileiro”, diversos analistas foram rápidos em associar Fernando Lugo ao grupo dos adeptos do “socialismo do século XXI”, composto por Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Correa. Entre esse trio e o quarteto mais moderado formado por Lula, Michele Bachelet, Tabaré Vázquez e Cristina Fernández, o governante paraguaio seria o oitavo líder de esquerda em um subcontinente composto por doze estados soberanos. O próprio Lugo, entretanto, já em diversas ocasiões fez questão de negar-se o rótulo de “esquerda”. [\(mais...\)](#)

Interesses nacionais não são “dados”: as relações indo-paquistanesas sob o prisma do Construtivismo, por Diogo Mamoru Ide

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

As relações indo-paquistanesas são marcadas notadamente pelo jogo estratégico, pela busca de aumento de poder sobre as regiões da Caxemira e de Jammu e pela demonstração do poderio militar dos Estados envolvidos. Desde suas independências, ao final da década de 1940, Índia e Paquistão alimentam relações políticas tensas, resultantes, em grande medida, da própria animosidade vista ao longo da dominação britânica. As rivalidades se viram ainda mais enrijecidas com as disputas pela posse dos territórios da Caxemira e de Jammu, localizados próximo à fronteira com a China, e com a “corrida militar” que culminou com a aquisição de arsenal nuclear e com três crises nucleares, desde a década de 1980.

Não surpreende, portanto, o predomínio de análises e pontos-de-vistas baseados na corrente realista de Teoria de Relações Internacionais por parte de analistas internacionais. De fato, essa perspectiva parece a priori a mais adequada, uma vez que as relações indo-paquistanesas são marcadas normalmente pela busca por poder, por interesses egoístas e pela relevância conferida por ambos Estados à esfera militar e aos ganhos relativos.

Há, no entanto, questões subjacentes aos comportamentos e aos interesses nacionais de tais Estados que são negligenciadas pela ontologia realista. Esta análise buscará um entendimento das relações bilaterais entre Índia e Paquistão à luz de elementos ideacionais que se encontram ausentes na abordagem realista tradicional. Afinal, como são definidos interesses nacionais estruturantes dos comportamentos estatais? Essa pergunta, não respondida satisfatoriamente pela abordagem realista, será, ao mesmo tempo, razão e ponto de partida para a inclusão de elementos ideacionais à análise das relações entre Índia e Paquistão.

[\(mais...\)](#)

Testes Balísticos no Sul da Ásia, a relação Índia-Paquistão, por Artur Andrade da Silva Machado

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Antes de tomar posição no debate entre a regularidade do conflito advogada pelos realistas e a crença liberal no fim da história, o analista contemporâneo deve voltar os olhos para as dinâmicas que se delineiam ao sul do continente asiático. É insuficiente, nesse caso, acompanhar as lentes da mídia, cujo tradicional enfoque no Oriente Médio e, mais recentemente, no programa nuclear iraniano acaba por eclipsar movimentos estruturais acertados entre os países que dividem a administração da região da Caxemira.

Para quem procura traçar panoramas e possibilidades para a região em questão, o último mês de maio foi bastante agitado. No dia 7, a Índia realizou teste de seu míssil balístico com capacidade nuclear de maior alcance, o Agni-III. O míssil, capaz de atingir alvos a 4000 km de distância em apenas 800 segundos, faz parte do arsenal indiano desenvolvido para manter o equilíbrio de poder da China, que no começo do mês, tivera divulgada por satélites estrangeiros sua nova base de submarinos com capacidade nuclear. Tal base localiza-se a pouco menos de 2000 km do estratégico Estreito de Malaca, meio do caminho até a Índia. Ainda, o teste indiano começou a ter repercussões regionais na medida em que a leitura paquistanesa do evento ocorre sob um prisma de ameaça a sua própria segurança nacional. No dia seguinte ao teste realizado pela Índia, o Paquistão respondeu testando o seu Hatf-VIII, míssil manobrável com grande capacidade de camuflagem. O Hatf-VIII protagonizou o segundo teste paquistanês realizado em menos de 20 dias e faz parte de uma série de demonstrações que se intensificaram desde agosto de 2007, quando o então Ministro do Exterior do Paquistão, Khurshid Mehmood Kasuri, assegurou que o governo tomaria “todas as medidas para manter a paridade nuclear no Sul da Ásia” por meio de sua própria infra-estrutura e de seus recursos humanos. [\(mais...\)](#)

Banho-Maria ou Mudança? Eleição Presidencial e a Formação da Política Comercial dos EUA, por Mark S. Langevin

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Finalmente as prévias do Partido Democrata terminaram, deixando dois candidatos presidenciais, ambos bem distintos na sua orientação de política econômica. O candidato iminente do Partido Republicano, Senador John McCain de Arizona, tem demonstrado a forte convicção pelo livre comércio e a abolição de tarifas, subsídios, e barreiras não tarifárias por duas décadas. O candidato Barak Obama, o jovem Senador de Illinois e sobrevivente das prévias Democratas contra Senadora Hillary Clinton, prometeu revisar o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (conhecido como NAFTA) e enfatizar as proteções trabalhistas e ambientalistas nas negociações de tratados comerciais além de promover políticas compensatórias para os trabalhadores e pequenos empresários marginalizados pelas mudanças da economia global. Agora que a disputa presidencial se cristalizou, será que as eleições pela presidência, toda a Câmara dos Deputados, e um terço do Senado terão um grande impacto sobre a formação da política comercial dos EUA?

Frente à recessão norte-americana, a queda do mercado imobiliário e o transtorno no setor financeiro, o “imposto” petroleiro, inflação com desemprego, o custo humano e político-econômico da intervenção do Iraque, e o derrame político que se chama o governo Bush 43, o eleitorado norte-americano mostra uma certa disposição pela mudança, pelo Partido Democrata, e pelo candidato Obama por uma margem microscópica. Esta preferência, ainda frágil, pela mudança levou o Partido Democrata a ganhar uma pequena maioria no congresso em 2006 com candidatos que criticaram os tratados de livre-comércio além da guerra do Iraque. Certamente, o assunto de comércio internacional pretende jogar um papel importante no debate político entre os candidatos McCain e Obama, e entre os dois partidos até Novembro. Pode esperar que a maioria dos candidatos Democratas e alguns Republicanos pelo congresso não manifestarão tanto entusiasmo pelo livre comércio como Senador McCain. [\(mais...\)](#)

Os vínculos entre a política interna israelense e a resolução da “questão palestina”, por Heitor Figueiredo Sobral Torres

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

A agenda de política externa do primeiro-ministro israelense Ehud Olmert tem sido ativa. Além do desastroso conflito no Líbano em meados de 2006 (envolvendo o exército israelense e o Hezbollah) e do início de negociações indiretas de paz com a Síria sob mediação da Turquia neste ano, a resolução da “questão palestina” tem ocupado um espaço relevante nos planos do premier.

Por “questão palestina” será entendido aqui o conjunto de tópicos que envolvem Israel e o povo palestino, isto é, o assentamento de colonos judeus, as tentativas de criação de um Estado nacional palestino e as negociações entre os líderes israelenses e palestinos. Nesse âmbito, Olmert formulou uma linha de ação que congrega continuidade em relação ao primeiro-ministro anterior, Ariel Sharon, - especialmente a retirada unilateral de colonos judeus de Gaza - e maior compromisso com a solução por dois Estados (two-state solution), evidenciado durante a Conferência de Annapolis no fim do ano passado.

Porém, a energia empregada por Olmert nesse campo vem tendo seu valor relativizado pelas contínuas denúncias de corrupção que ameaçam seu cargo. Denúncias de crimes fiscais e de financiamento ilícito de suas campanhas vêm deteriorando a imagem do primeiro-ministro. Com isso, a sua renúncia ou a antecipação de eleições legislativas inicialmente programadas para outubro de 2010 são vistas por muitos israelenses como possibilidades muito mais reais do que a preservação do mandato de Olmert.

Mais do que a certeza quanto à saída de cena de Olmert, serão aqui valorizados os padrões da política interna israelense que têm prejudicado uma abordagem clara e pragmática dos políticos israelenses em relação à resolução da questão palestina. A possibilidade de saída do atual primeiro-ministro é exemplar para esse argumento. Impunidade e ausência de transições harmoniosas não são atributos de “boa” política: pelo contrário, e não é isso que está sendo defendido aqui. O problema está em como essa transição para o próximo primeiro-ministro deverá ocorrer, à luz da atual conjuntura social israelense e das possibilidades oferecidas pelo sistema político do país. [\(mais...\)](#)

McCain: ruptura ou continuidade da gestão Bush?, por Virgílio Arraes

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Definido como o candidato à Presidência pelo Partido Republicano, o Senador John McCain encontra-se diante de um cenário eleitoralmente adverso, ao ter de superar o legado negativo do Presidente George Bush, materializado já há muito em baixos índices de aprovação, principalmente em seu último ano de gestão.

Internamente, há o espectro da recessão que se faz mais e mais presente, estimulada pelos reajustes vigorosos do preço do petróleo; externamente, há a condução desastrosa de duas frentes de batalha na área médio-oriental e cercanias. Em face de tamanhas adversidades, qual o melhor caminho a trilhar perante o eleitorado norte-americano?

À primeira vista, os republicanos deveriam procurar desembaraçar-se do ideário neoconservador que, aplicado à política exterior, se revelou funesto. Entrementes, é possível delinear a inclinação do grupo de McCain pelas linhas gerais formuladas e mal aplicadas no presente mandato. Anteriormente ao desencadear das duas guerras, o seu posicionamento era favorável ao neoconservadorismo. ([mais...](#))

Mianmar e sua contagem regressiva para uma suposta transição de regime, por Heloíza Feltrin Bandeira

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Com a passagem do Ciclone Nargis, em maio de 2008, Mianmar voltou à tona no cenário internacional, depois de setembro de 2007, quando milhares de protestantes pró-democracia foram às ruas contra o aumento do preço dos combustíveis outorgado pela Junta Militar que governa o país.

Após a devastação do país pelo ciclone no dia 02 de maio de 2008, a Junta, que governa Mianmar desde 1962, dificultou ao máximo a ajuda internacional, com respeito à entrada de estrangeiros em território mianmarenses. Apesar de os governantes dizerem não negar ajuda financeira e de materiais básicos, muitos comboios com alimentos e material de emergência ficaram parados durante dias nas fronteiras do Estado, enquanto a população sucumbia ao caos deixado por Nargis, que levou a mais de 80 mil mortos e mais de 50 mil desaparecidos.

Somente quando o Secretário-geral das Nações Unidas, o sul-coreano Ban Ki-moon, visitou os generais, no fim desse mesmo mês, é que os militares cederam e deixaram médicos e voluntários que não fossem mianmarenses adentrar seu território. ([mais...](#))

O direito internacional dos povos indígenas: colisão multidimensional de direitos?, por Felipe Kern Moreira

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

A aprovação da Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas em setembro de 2007 representa o desfecho de duas décadas de negociação e inaugura um capítulo particular no desenvolvimento do direito internacional. A Convenção passa agora por uma tour de force para angariar o máximo de assinaturas e principalmente tentar gerar comportamento estatal em larga escala. Enquanto isto é fato que a Declaração adquire força no âmbito dos direitos humanos o que evidencia vetores no sistema de idéias e de crenças mundial que já encontraram ressonância no agregado institucional. Por outro lado, concepções contemporâneas e universalistas acerca de direitos humanos podem colidir com elementos do direito consuetudinário das comunidades indígenas bem como com interesses estatais. O debate sobre o direito internacional dos povos indígenas ocupa maior espaço na política internacional - e na produção acadêmica - a partir da adoção do texto final pela Assembléia Geral da ONU e a legitimidade pelo procedimento - compartilhamento de crenças e decisões dos atores globais - podem elevar um sistema de direitos da marginalidade e obscurantismo ao patamar de norma não derogável embora de alcance restrito. Neste processo parecem existir duas grandes forças ideológicas referentes ao direito internacional dos povos indígenas que são distintas no campo da abstração lógica: uma diz respeito aos direitos humanos e outra diz respeito à restituição pelos danos e perdas levados a efeito durante processos civilizatórios. Surge então o dilema: seriam os direitos dos povos indígenas mais humanos do que os dos não indígenas? ([mais...](#))

Palestra Globalização e Democracia - Como Votam os Mercados Financeiros? - IRI-PUC-Rio

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

O Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio convida para a palestra *Globalização e Democracia - Como Votam os Mercados Financeiros?*, a ser proferida pela Prof^a. Daniela Campello (Princeton University), no dia 30 de junho, segunda-feira, das 15-17. O evento terá lugar no Auditório del Castilho, 2^o. andar, Prédio do Rio Data Centro (RDC), PUC-Rio.

Informações adicionais podem ser obtidas pelo e-mail npp@puc-rio.br ou ainda no website do [IRI](#).

Cúpulas América Latina-Caribe-União Européia (ALC-UE): elementos para a construção mais eficaz de uma agenda birregional, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Mais uma cúpula, novamente a escassez de resultados. A V Cúpula América Latina-Caribe-União Européia, que reuniu na cidade de Lima nos dias 15 e 16 de Maio representantes de sessenta países, os quais somam mais de um bilhão de habitantes e respondem por um quarto do PIB mundial, não destoou da principal característica que uniu as quatro edições anteriores da iniciativa: a incapacidade de converter em resultados concretos uma agenda com alto potencial de cooperação. Nem mesmo os apelos do anfitrião Alan Garcia, que em seu discurso de abertura foi duro ao pedir a seus colegas que “não caia sobre nós a vergonha de não ter feito algo concreto”, surtiram efeito. Como seria possível, então, construir uma agenda birregional de forma mais eficaz? A resposta passa por diversos fatores, mas a superação da diplomacia de cúpulas é provavelmente o principal entre eles.

O encontro de Lima deu continuidade a uma iniciativa inaugurada pela Cúpula do Rio de Janeiro, realizada em junho de 1999. Marcada por objetivos ambiciosos, reunidos sob a idéia de uma “associação estratégica” entre as duas regiões, a Cúpula do Rio parecia ser o marco inicial da construção de uma agenda promissora. De fato, os princípios que unem as duas regiões sempre foram muito claros. A promoção da democracia, o estímulo ao desenvolvimento econômico e social e mesmo a ligação histórica e cultural entre a América Latina e a Europa serviam, já em 1999, de pano de fundo para as relações birregionais. A iniciativa, contudo, não conseguiu ir muito além disso, passando da retórica à prática. As Cúpulas de Madri (2002), de Guadalajara (2004) e notadamente de Viena (2006), esta última considerada por muito analistas como a mais fracassada de todas elas, sempre deixaram a sensação de um vazio de resultados concretos. Certamente seria uma injustiça ignorarmos algumas decisões importantes e falarmos em “ausência de resultados”, mas o termo escassez é, sem dúvida, apropriado. ([mais...](#))

A Operação Makavhoterapapi e a limpeza política do Zimbábue, por Evandro Farid Zago

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Um grupo de homens armados chega a um pequeno vilarejo e convoca sua população para uma reunião imediata. O povo, assustado, rapidamente se reúne na escola local e passa a ouvir contundentes ameaças por parte dos homens. O grupo recém-chegado declara que todo indivíduo tido como contestador do atual regime daquele país deveria apresentar-se à frente do recinto. A população do vilarejo, contudo, por temer eventuais punições, cala-se e opositor algum é apresentado. Os homens armados, já impacientes, escolhem uma mulher de 76 anos dentre os presentes à reunião, ameaçando espancá-la caso as pessoas procuradas não se pronunciassem. O silêncio do grupo ameaçado é seguido pelo tombo da senhora ao chão e pelo seu espancamento com um pedaço de madeira. Conseqüentemente, os indivíduos buscados pelo corpo armado finalmente apresentam-se, visto que a tortura àquela mulher já se tornava insuportável aos olhos e aos ouvidos. Aos poucos, cada opositor que se apresenta é obrigado a delatar mais outros cinco, de forma que, por fim, um grupo de cerca de oitenta pessoas é formado. Os homens armados partem, então, para a tortura de tais pessoas, num processo que inclui espancamento com objetos diversos e mutilação genital. Por fim, já satisfeitos com o resultado de sua ação, os recém-chegados deixam o vilarejo; sua população encontra-se aterrorizada e temerosa do retorno de tais homens.

A situação relatada no parágrafo anterior pode soar como ficção ou descrição de atitudes atrozes cometidas por regimes autoritários do passado. Ela, contudo, ocorreu no último cinco de maio, na província zimbabuana de Maxonalândia Central. A visita retratada é mostra das atuais “reuniões de reeducação” promovidas pelo governo do país e inserem-se num ostensivo e abrangente processo de aterrorização dos cidadãos locais. Após o citado caso, seis homens morreram em decorrência da tortura sofrida e outros 64 ficaram feridos. O panorama nacional, contudo, já inclui 36 mortos, dois mil feridos e um número ainda não estimado de refugiados e deslocados internos. ([mais...](#))

Unasul: ‘uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo’. Será?, por Wilson Tadashi Muraki Junior

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Durante a terceira reunião anual de presidentes sul-americanos, realizada em Brasília em 23 de maio e que marcou a oficialização e estruturação da Unasul (União das Nações Sul-Americanas), o presidente brasileiro declarou ser isso a realização de um sonho. Mais do que maior integração entre os países da região, estar-se-ia vivenciando uma mudança no “tabuleiro do poder mundial”, uma vez que uma América do Sul integrada passaria a ter maior capacidade política no cenário internacional. No entanto, deve-se ter em conta que o processo de integração buscado mostra-se repleto de problemas mesmo antes da sua entrada em vigor, pois, além de pendências entre as nações terem sido relegadas a um segundo plano, os mecanismos decisórios acertados (necessidade de consenso no Conselho de Chefes de Estado e de Governo, por exemplo) devem estancar ações efetivas desse novo órgão. Motivações e percepções não devem ser deixadas de lado: as nações sul-americanas têm anseios diferentes e, ainda que aparentemente engajem-se em processos de integração, isso é devido ao fato de que buscam diferentes objetivos na mesma, e que podem ser até mesmo conflitantes, comprometendo o grau de efetividade necessário para o intento de união.

A Unasul conglomeraria as 12 nações da América do Sul, criando um mercado de algo em torno de 360 milhões de pessoas e um PIB somado de aproximadamente 2,5 trilhões de dólares. Buscaria, primordialmente, a integração física e energética do continente, a criação de área de livre-comércio, a coordenação política e cooperação em vários campos. Contaria com uma secretaria-geral estabelecida em Quito (no Equador), um parlamento único em Cochabamba (Bolívia), uma presidência temporária, um conselho de chefes de estado e de governo (órgão máximo, deliberativo, que necessitará de unanimidade para a tomada de decisões), um conselho de ministros de relações exteriores e um de delegados. O Conselho Energético da América do Sul, criado em abril de 2007, passa a ser parte da Unasul. O Conselho de Defesa, que foi uma proposta brasileira com vistas à elaboração conjunta de políticas na área de segurança, depois de ter sido rejeitado pela Colômbia, passará por nova análise de um grupo de trabalho que deverá manifestar-se 90 dias após a assinatura do tratado de criação. ([mais...](#))

Referendos na Bolívia: separatismo ou contestação?, por Isabele Villwock Bachtold

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

No início do mês de maio intensos protestos marcaram as ruas de dois dos principais departamentos (Estados) da Bolívia na ocasião da realização de um referendo sobre o estatuto que previa uma maior autonomia à região. Os eleitores das regiões de Beni e Pando votaram, com mais de 80% de aprovação, por conceder maiores poderes ao departamento em questões como a distribuição de terras, administração, sistema tributário, educação, transporte e hidrocarbonetos, atualmente controladas pelo governo de La Paz. A cena, já ocorrida no departamento de Santa Cruz no início de maio, será provavelmente repetida ao final de junho, quando o referendo sobre a autonomia da região de Tarija está previsto para acontecer.

Os referendos nas quatro regiões mais ricas da Bolívia - responsáveis por mais de 80% do PIB nacional - levantaram questionamentos sobre a possível mudança do sistema político boliviano em direção ao federalismo e sobre prováveis movimentos separatistas no país. Cogitou-se ainda a possibilidade de expansão da crise para outros países da América Latina, impulsionando manifestações e demandas por independências de outras regiões. Entretanto, em uma análise mais objetiva da atual situação política da Bolívia e do processo histórico de formação da região latino-americana, percebe-se que tais previsões são improváveis a curto e médio prazo e refletem mais a desaprovação do governo de Evo Morales do que de fato a busca pela separação das regiões. ([mais...](#))

A Sérvia Pós-Milošević: Rumo Incerto, por Adalgisa Bozi Soares

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Desde a independência do Kosovo, em fevereiro de 2008, as fábricas de bandeiras da Sérvia registraram um aumento de mais de 20% nas vendas de bandeiras nacionais. Nem sempre foi assim. Até pouco mais de um ano atrás, a venda de bandeiras da União Européia acompanhava a venda de bandeiras nacionais. Hoje, embora as bandeiras azuis estreladas continuem sendo vendidas, principalmente a partidos e pessoas ligadas ao movimento pró-ocidente, foi perdendo espaço para camisetas com a frase “Kosovo é Sérvia” e banners com a foto de Vladimir Putin.

A história recente da Sérvia foi marcada pela instabilidade do governo. Já se passaram quatro eleições parlamentares desde a queda de Milošević, em 2000, e apenas um mandato foi cumprido até o final do período estabelecido pela constituição. Quando Milošević saiu de cena, o país parecia decidido a abandonar o nacionalismo que arrastou a Sérvia para uma série de guerras perdidas e transformou-a em um dos países mais pobres da Europa. Nesse contexto, uma coalizão entre o Partido Democrático, de Đinđić e Tadić, e o Partido Democrático da Sérvia, de Koštunica, recebeu a maioria dos votos pra o novo parlamento. [\(mais...\)](#)

A Ásia, os fenômenos naturais e como o Direito tangenciou a Moral no sistema internacional, por Tiago Wolff Beckert

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Duas grandes catástrofes naturais assolaram a Ásia no mês de maio. O ciclone Nargis atingiu Mianmar, país muito em foco nos últimos tempos devido ao conturbado governo da Junta Militar, e deixou, segundo algumas estimativas, mais de 80 mil mortos. A vizinha China, por sua vez, foi atingida pelo maior terremoto dos últimos trinta anos no país, alcançando oito graus na escala Richter e dizimando por volta de cem mil pessoas. Em ambos os casos, as conseqüências vão muito além das mortes, tendo restado um grande número de feridos, infra-estrutura devastada e inúmeros problemas sanitários.

O fato é que catástrofes naturais ocorrem com alguma freqüência. O que nos convém analisar é a forma como os atores envolvidos comportam-se em relação à ajuda internacional e, principalmente, à atuação das organizações internacionais no evento - já que não existe um padrão para isso. Nos casos acima apontados, constata-se significativa diferença entre as atitudes do governo birmanês e do governo chinês. No primeiro exemplo, a ajuda internacional enfrentou grandes dificuldades para se estabelecer, dificuldades essas impostas pela Junta Militar governante. Desse modo, alimentos, medicamentos, vestimentas e voluntários para o socorro às vítimas ficaram barrados na fronteira do país. A China, por sua vez, parece ter aprendido com a experiência de episódios anteriores, e colaborou com as agências internacionais mobilizadas pelo ocorrido. ([mais...](#))

Perspectivas para o restabelecimento do consenso político no Líbano: o peso real dos fatores regionais, por Pablo P. Sampedro Romero

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

<

Tradicionalmente, o Líbano é analisado como uma arena onde se projetam diferentes visões estratégicas e interesses de atores regionais antagônicos, de modo que, em grande medida, a perenidade do conflito político no país tem sido avaliada sob essa ótica. É inegável, contudo, que a presença de elementos endógenos também contribuiu para o surgimento e continuidade de instabilidades políticas, o que pode ser notado desde a própria constituição do estado libanês a partir de um modelo de “confessionalismo representativo”.

Tendo em vista que fatores locais e regionais interagem na determinação das causas da instabilidade política, o intuito dessa análise será demonstrar que os últimos desdobramentos da crise libanesa são menos fruto da interferência de fatores regionais que de fatores endógenos, ainda que os primeiros tenham relativa importância na determinação das clivagens políticas internas.

Muitos apontam como causa da crise política atual a proposta de instauração de um tribunal internacional misto para julgar os culpados da morte do ex-premiê Rafiq Hariri, que foi recebida com grande descontentamento pela oposição. Desde então, seis ministros da oposição renunciaram e o consenso político necessário para a escolha de um novo presidente foi rompido. A partir de novembro de 2006, o parlamento libanês realizou dezoito tentativas de restabelecer o consenso político, mas até maio de 2008 nenhum resultado efetivo havia sido alcançado. A crise tornou-se particularmente mais problemática após setembro de 2007, quando o mandato do então presidente Emile Lahoud terminou, deixando o país em um impasse político preocupante. [\(mais...\)](#)

Boletim Meridiano 47 - No. 95 - Junho/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

- Pequena lição de *Realpolitik*, por Paulo Roberto de Almeida
- Perspectivas para o restabelecimento do consenso político no Líbano: o peso real dos fatores regionais, por Pablo S. Sampedro Romero
- Banho-maria ou mudança? Eleição presidencial e a formulação da política comercial dos EUA, por Mark S. Langevin
- A àsia, os fenômenos naturais e como o Direito tangenciou a Moral no sistema internacional, por Tiago Wolff Beckert
- McCain: ruptura ou continuidade da gestão Bush?, por virgílio Arraes
- Unasul: 'uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo'. Será?, por Wilson tadashi Muraki Junior
- Interesses nacionais não são "dados": as relações indo-paquistanesas sob o prisma do Construtivismo, por Diogo Mamoru Ide
- A Operação *Makavhoterapapi* e a limpeza política do Zimbábue, por Evandro Farid Zaigo
- O direito internacional dos povos indígenas: colisão multidimensional de direitos?, por Felipe Kern Moreira
- Os vínculos entre a política interna israelense e a resolução da "questão palestina", por Heitor Figueiredo Sobral Torres
- Cúpulas América Latina-Caribe-União Européia (ALC-UE): elementos para a construção mais eficaz de uma agenda birregional, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro
- Testes Balísticos no Sul da Ásia, a relação Índia-Paquistão, por Artur Andrade da Silva Machado
- A Sérvia pós-Milosevic: rumo certo, por Adalgisa Bozi Soares
- Mianmar e sua contagem regressiva para uma suposta transição de regime, por Heloíza Feltrin Bandeira
- Referendo na Bolívia: separatismo ou contestação, por Isabele Villwock Bachtold

Acesse a edição completa em formato html - [clique aqui](#)

Acesse a edição completa em formato pdf - [clique aqui](#)

Boletim Mundorama - No. 10 - Junho/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 10 - Junho - 2008

Artigos

- Pequena lição de *Realpolitik*, por Paulo Roberto de Almeida
- Perspectivas para o restabelecimento do consenso político no Líbano: o peso real dos fatores regionais, por Pablo S. Sampedro Romero
- Banho-maria ou mudança? Eleição presidencial e a formulação da política comercial dos EUA, por Mark S. Langevin
- A àsia, os fenômenos naturais e como o Direito tangenciou a Moral no sistema internacional, por Tiago Wolff Beckert
- McCain: ruptura ou continuidade da gestão Bush?, por Virgílio Arraes
- Unasul: 'uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo'. Será?, por Wilson Tadashi Muraki Junior
- Interesses nacionais não são "dados": as relações indo-paquistanesas sob o prisma do Construtivismo, por Diogo Mamoru Ide
- A Operação *Makavhoterapapi* e a limpeza política do Zimbábue, por Evandro Farid Zaigo
- O direito internacional dos povos indígenas: colisão multidimensional de direitos?, por Felipe Kern Moreira
- Os vínculos entre a política interna israelense e a resolução da "questão palestina", por Heitor Figueiredo Sobral Torres
- Cúpulas América Latina-Caribe-União Européia (ALC-UE): elementos para a construção mais eficaz de uma agenda birregional, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro
- Testes Balísticos no Sul da Ásia, a relação Índia-Paquistão, por Artur Andrade da Silva Machado
- A Sérvia pós-Milosevic: rumo certo, por Adalgisa Bozi Soares
- Mianmar e sua contagem regressiva para uma suposta transição de regime, por Heloíza Feltrin Bandeira
- Referendo na Bolívia: separatismo ou contestação, por Isabele Villwock Bachtold